



## **Congresso Internacional de Envelhecimento Humano**

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

### **A RESIGNIFICAÇÃO DO DISCURSO OFICIAL ESTADONOVISTA NA MEMÓRIA DOS IDOSOS QUE O VIVENCIARAM**

Luiz Mário Dantas Burity (UNIPÊ – marioburity@hotmail.com)

Cristiane Galvão Ribeiro (UNIPÊ – cristianegr@ig.com.br)

#### **INTRODUÇÃO**

A partir de 1937 uma ruptura política marcou a história do Brasil. Utilizando-se de um discurso nacionalista e progressista Getúlio Vargas e os grupos políticos que lhe deram sustentação suprimiram a Constituição de 1934 e outorgaram uma outra, dando início a um regime de exceção, o Estado Novo. A partir de então há a emergência de um discurso oficial tomado pela ideia de uma marcha pelo progresso da nação<sup>1</sup>, na intenção de fazer emergir de um país monocultor agrícola uma poderosa nação industrializada, mostrando como seria necessário que todos participassem da causa, principalmente os jovens que desde já precisavam se envolver nessa marcha guiada pelo presidente Getúlio Vargas a fim de construir essa nova nação brasileira que só então poderia se equiparar às grandes civilizações do mundo.

Sete décadas, no entanto, separam o ano de 2013 do Estado Novo. Os conceitos que estavam presentes no discurso oficial estadonovista, consolidados na memória dos seus jovens, foram internalizados em suas identidades, e agora, na velhice, são resignificados a cada momento em que esses conceitos são repensados diante da produção de novos discursos.

Durante o seu desenvolvimento a criança apresenta um esforço constante na tentativa de internalizar aqueles conceitos que lhe são desconhecidos, a partir daquilo que ela já conhece<sup>2</sup>. Essa internalização é, em parte, subjetiva, já que vem da compreensão do sujeito acerca daquilo que já lhe era conhecido e, em parte,

intersubjetivo, já que requer compreender os demais integrantes de uma sociedade, assim como ser compreendido por ela.

É necessário considerar, assim, que o espaço intersubjetivo corresponde a um ambiente de compreensão mútua, onde os indivíduos são capazes de conhecer o pensamento do outro a partir de sua linguagem, o que não significa que não haja discordâncias entre as posições tomadas neste espaço intersubjetivo, afinal, ele não é um espaço de harmonia, mas de convívio para a sobrevivência em sociedade.

O Estado Novo, junto às instituições que lhe constituíam, corresponde, portanto, a um espaço intersubjetivo bastante particular daqueles que o vivenciaram, mas tomado também pelas vivências mais subjetivas desses indivíduos e de suas trajetórias de vida, tanto durante o Estado Novo como ao longo dessas sete décadas que o separam do tempo presente.

Foi objetivo desse trabalho, portanto, perceber como os conceitos, que foram produzidos nos discursos oficiais estadonovistas, ainda estão presentes na identidade de idosos que o viveram durante a sua juventude, e como foram resignificados no momento da elaboração dos discursos acerca de suas memórias sobre a vida durante o Estado Novo.

## **MÉTODO**

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 3 idosos que viveram a sua juventude durante o Estado Novo: participante A (mulher, 89 anos), participante B (homem, 87 anos) e participante C (mulher, 77 anos). Esses discursos foram analisados a partir da proposta de Michel Pechêux<sup>3</sup>, que consiste em perceber a relação do orador com o interlocutor, no momento do discurso, a partir da imagem que eles têm de si e do outro; e dos conceitos propostos pela Psicologia Sociocultural<sup>4</sup>.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participante A	<p>“ele foi muito bom para os trabalhadores”, “a gente desfilava pelas ruas, era tudo muito bonito”, “a gente respeitava os professores”, “a gente aprendia a respeitar os mais velhos”, “naquele tempo a gente era alienada”, “a gente não era educada para pensar, a gente ficava em casa e ia pra escola”.</p> <p><b>“governante bom”, “desfile bonito”, “respeito”, “alienada”, “19 de abril”.</b></p>
Participante B	<p>“eu não sei”, “lembro que a gente tinha respeito pelo professor, nós tínhamos, a gente admirava muito os professores”, “tínhamos que dizer a resposta correta”, “os alunos não fazem mais prova oral, não tem prova de latim”, não tem respeito aos professores, mudou muito, mudou e para pior”, “não lembro, não sei se foi porque eu já tinha ido pro Recife”.</p> <p><b>“eu não sei”, “respeito”, “apreensão”.</b></p>
Participante C	<p>“Getúlio Vargas, eu sei lá, faz tanto tempo, eu não gosto de história, nunca gostei, eu fiz economia sabe, além de que para frente é que se anda, eu gosto de pensar que o que foi, foi e o que importa é de agora em diante”, “as freiras loucas”, “a gente saia da sala e ficava fazendo traquinagem pelo colégio. Ai a freira via e ficava virada”, “no colégio de freira a gente tinha que desfilar com o fardamento impecável, e as freiras ficavam revoltadas porque a gente se sujava toda”, “eu ensinava como o aluno deveria se comportar, os hinos essas coisas da pátria, mas eu odiava ficar decorando coisas, ai eu achava que os alunos não precisavam decorar também não, ai eu deixava eles colarem na prova, fingia que não estava vendo”.</p> <p><b>“traquinagem”, “suja”, “as freiras loucas”.</b></p>

Três espaços intersubjetivos compuseram as imagens que os entrevistados construíram em seus discursos: as **festividades**, a **escola** e o **Estado Novo**. Nesse sentido os conceitos internalizados nesses espaços foram resignificados no momento da elaboração desses discursos sete décadas após a sua experimentação, tomando dois caminhos: o **intersubjetivo**, e o **subjetivo**.

Percebeu-se que alguns aspectos interferiram profundamente na forma como esses sujeitos compreenderam o discurso oficial estadonovista. Assim, o fato das festividades terem emergido nos discursos das participantes A e C, mas não pelo

participante B, provavelmente se deveu ao **gênero**, lugar social que ocupavam e que designava papéis distintos na sociedade durante o Estado Novo – enquanto as participantes A e C são mulheres, o participante B é um homem. Quanto ao **tipo de escola**, enquanto o participante B estudou na escola de maior prestígio da Paraíba no referido momento, a participante A estava na escola de professores e a participante C estudou num colégio religioso de ensino primário no interior do Estado. Por fim, o aspecto da **idade** interferiu, visto que, enquanto os participantes A e B tinham entre 15 e 19 anos na década de 1940, a participante C tinha aproximadamente 5 anos. Portanto, a compreensão desses aspectos estaria necessariamente condicionada à imagem que os sujeitos têm do lugar onde estão.

Dessa forma, quando foi citado o Estado Novo, o **Liceu Paraibano** foi o primeiro espaço rememorado pelo participante B, o que indica esse lugar como o principal espaço de difusão do discurso oficial para esse sujeito, assim como seriam as **festividades** o símbolo de respeito e admiração pelos governantes da nação, para a participante A, mas para a participante C, essa tenha sido evocada principalmente pela **anti-disciplina**.

A **disciplina** e o **respeito** tiveram significados distintos nos discursos dos participantes A e B, e foram contrastados pela **anti-disciplina** na participante C, talvez por esta ter menos idade que os outros e ser ainda criança durante o Estado Novo.

Houve alguma resistência dos participantes em falar sobre o momento histórico, o que talvez tenha ocorrido por não se sentirem à vontade em expor suas vivências de uma época sobre a qual o discurso científico, histórico e político, apresentam algumas verdades dominantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que o discurso estadonovista sobreviveu ao tempo de diferentes formas no discurso daqueles que o viveram, a partir de aspectos próprios dos lugares que ocuparam e das imagens que tinham de si e dos outros nos momentos de elaboração de seus discursos, compondo assim uma identidade comum entre aqueles que viveram o Estado Novo, as festividades e a escola, mas sempre caracterizado por uma forte marca subjetiva.

Os resultados do estudo que examinou aspectos subjetivos da memória de três pessoas que viveram espaços intersubjetivos em dois momentos históricos distintos, apontaram tanto para um rico caminho de investigações a ser explorado; quanto para alguns problemas ocorridos durante o percurso – dificuldade de encontrar participantes idosos disponíveis, a pouca quantidade de discurso produzido por eles, e um número excessivo de questões feitas – que devem ser considerados em investigações futuras.

## **REFERÊNCIAS**

---

<sup>1</sup>BURITY LMD, PINHEIRO ACF. Escolas Rurais e Profissionais para a juventude campezina na Interventoria de Ruy Carneiro: Paraíba (1940-1945). In: IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil: História da Educação Brasileira: experiências e peculiaridades. João Pessoa: Universitária; 2012.

<sup>2</sup>VYGOTSKY LS. Pensamento e Linguagem. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

<sup>3</sup>PECHÊUX M. Análise Automática do Discurso. In: GADET F, HAK T. Por uma Análise Automática do Discurso. Campinas: Editora da Unicamp; 1993.

<sup>4</sup>VYGOTSKY LS. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes; 1998a.